

O novo capitalismo e seus efeitos no laço social

Flávia Lana Garcia de Oliveira

Doutoranda e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica - UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Estágio de doutorado sanduíche na Université Paris 7 (Paris, França)

Bolsista de doutorado sanduíche pela FAPERJ (2015-2016) e bolsista de doutorado no Brasil pela CAPES (Rio de Janeiro, Brasil)

Especialização em Psicologia Clínica Institucional pelo Hospital Universitário Pedro Ernesto - UERJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Graduada em Psicologia pela UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Membro adjunto do ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)

E-mail: flavialanago@gmail.com

Resenha do livro:

Sennett, R. (2006/2015). *A cultura do novo capitalismo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 180p.

Richard Sennett, conhecido sociólogo, historiador e professor universitário norte-americano, estuda há décadas as consequências do Capitalismo em suas diferentes versões sobre as relações urbanas, familiares e institucionais. Seus dois livros mais consagrados – *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo* e *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade* – figuram nas estantes de alguns psicanalistas. O livro *A cultura do novo capitalismo*, cuja última edição foi lançada no Brasil em 2015, reúne um ciclo de palestras realizadas por ele em 2004 na Universidade de Yale. Ao longo de seus quatro capítulos, o autor investiga as principais características das instituições erigidas em obediência aos preceitos do *novo capitalismo* – ou *capitalismo flexível* –, os ideais difundidos no laço social em prol de um tipo psicológico adequado às mudanças exigidas, assim como os efeitos subjetivos frente às novas injunções, as quais colapsam em boa medida os antigos alicerces.

Sennett, segundo ele próprio afirma, abraçou a crítica da Nova Esquerda à grande burocracia no final da década de 1960, partilhando a crença dos jovens insurgentes de que o desmonte das instituições tradicionais – inclusive das grandes corporações e governos inflados – seria capaz de gerar comunidades baseadas em vínculos diretos de confiança e solidariedade. No entanto, não foi o que aconteceu. No final da década de 1960, ao entrevistar famílias operárias de Boston, Sennett observou que, longe de serem pessoas oprimidas pela burocracia institucional, tratava-se de indivíduos enraizados em sólidas realidades, guiados por uniões estáveis, por grandes corporações e mercados relativamente firmes. O dismantelamento das instituições não gerou maior senso comunitário, mas sim desorientação e fragmentação. As instituições, as capacitações e os padrões de consumo mudaram. A partir de novas entrevistas realizadas nos anos de 1980, Sennett sustenta que tais mutações não libertaram as pessoas, mas as lançaram em uma condição de deriva.

Vejamos como Sennett interliga esses pontos. Inicialmente ele examina a evolução dos fundamentos da política do capitalismo social na passagem do século XIX ao XX. Temos aí a tentativa

de superação do Capitalismo “primitivo”, rudimentar, fadado à extinção pela ausência generalizada de força e proteção – vide o ambiente das fábricas, associado a uma rotina embotadora e instável para os empregados, até a má estruturação administrativa das empresas, que se encontravam frequentemente expostas ao súbito colapso. A “arte da estabilidade” foi adquirida pelas corporações em um período de cem anos, graças a um giro na maneira como os negócios passaram a ser estruturados. A análise weberiana permitiu elucidar que o Capitalismo sobreviveu pela aplicação às corporações dos modelos militares de organização através de uma racionalização minuciosa da vida institucional imbuída de normas de fraternidade, autoridade e agressão, embora os civis talvez não se dessem conta de que estavam pensando como soldados. As corporações passaram a se estabelecer cada vez mais como exércitos, nos quais todos tinham seu lugar e, cada lugar, uma função definida. Com esse projeto, assegurou-se a longevidade dos negócios e o aumento do número de empregados. A burocracia mostrou-se mais eficiente que os mercados. Segundo Sennett, essa busca da ordem espalhou-se dos negócios para o governo e para a sociedade civil, repercutindo no estabelecimento de ideais de eficiência governamental com a aquisição dos servidores públicos em práticas burocráticas, contornando as oscilações da política. Na sociedade civil, as escolas tornaram-se cada vez mais padronizadas, tanto em conteúdo, quanto em funcionamento.

Sennett ressalta, então, como esse funcionamento burocratizado imprimiu regulações específicas aos indivíduos, na medida em que constituiu uma narrativa centrada na temporalidade do longo prazo, na acumulação e na previsibilidade. Tornou-se possível planejar a vida, definir as etapas de uma carreira, articular um percurso de prestação de serviços a passos de acumulação de riqueza. Com o emprego vitalício – a famosa “jaula de ferro” de Weber –, muitos trabalhadores braçais passaram a ser capazes de planejar a construção de suas casas, por exemplo. A militarização das instituições se respaldava, portanto, em um modo de subjetivação marcado pela renúncia das satisfações em prol de um ganho futuro e na hierarquia piramidal que atribuía a cada um seu lugar.

Contudo, essas instituições e suas narrativas vêm se “desmanchando no ar”. Esse arranjo dos lugares e das funções se desintegra gradualmente. Fato observável no fim do emprego vitalício, no desaparecimento das carreiras inteiramente dedicadas a uma única instituição ou, ainda, na esfera pública, com o caráter mais incerto dos programas de amparo e de previdência governamental. Os governantes hoje têm como meta descartar a rigidez burocrática. Sennett sublinha que, de fato, o imenso crescimento da economia mundial só foi possível com esse avanço liberal do afrouxamento dos controles institucionais sobre o fluxo de bens, serviços e trabalho. O último meio século assistiu, tanto no Norte global quanto na Ásia e na América Latina, uma nova geração de riqueza profundamente vinculada à decaída de burocracias governamentais e corporativas fixas. A perspectiva de Sennett não inclui a variável da corrupção sistêmica e suas consequências deletérias para a montagem institucional, sobretudo a pública. Seu enfoque se dirige mais precisamente ao impacto da financeirização da economia, do poder acionário e da revolução

tecnológica sobre os ideais veiculados pela sociedade como desejáveis para um indivíduo adentrar no mercado de trabalho.

Sem os pilares tradicionais, “quando as instituições já não proporcionam um contexto de longo prazo, o indivíduo pode ser obrigado a improvisar a narrativa de sua própria vida, e mesmo a se virar sem um sentimento constante de si mesmo” (Sennett, 2006/2015, p. 13). O tipo capaz de prosperar em condições sociais instáveis e fragmentárias precisaria atender às seguintes exigências: 1) *Individualidade voltada para o curto prazo*, ou seja, capaz de migrar de uma tarefa para outra, de um emprego para outro, sem um laço denso com a sua atividade presente; 2) *Preocupação com as habilidades potenciais*, isto é, uma espécie de “frenesi metonímico” em torno da descoberta de novas capacitações conforme as demandas da realidade; 3) *Disponibilidade em abrir mão das experiências passadas*, isto é, uma “personalidade que mais se assemelha à do consumidor sempre ávido de novidades, descartando bens antigos, embora ainda perfeitamente capazes de ser úteis, que a do proprietário muito zeloso daquilo que já possui” (Sennett, 2006/2015, p. 14). É requerida, assim, uma disposição mental capaz de permitir a livre circulação: “os que prosperam nesse meio têm um alto grau de tolerância com a ambiguidade. As pessoas precisam ser proativas diante de circunstâncias ambíguas [...]. O que importa é obter os melhores resultados com a maior rapidez possível” (Sennett, 2006/2015, pp. 52-53).

A estabilidade e a dependência passam a parecer sinal de fraqueza ou de perda de controle. Nessa nova ordem institucional, indicam ao mercado que a empresa ou o indivíduo não é capaz de inovar, encontrar novas oportunidades ou gerir de alguma outra forma a mudança. A organização incha e se contrai, empregados são atraídos ou descartados à medida que a empresa transita de uma tarefa a outra. Além disso, a disposição das relações de poder e comando se caracterizam, para Sennett, pelo misto entre maior controle central e menor autoridade.

De acordo com Sennett, no final da década de 1990, esse *boom* começou a ruir. Porém, os valores da nova economia se expandiram como uma referência para as instituições sociais em sua totalidade. Sennett destaca que as mudanças estruturais implicadas na eliminação da “jaula de ferro da burocracia” geram três déficits sociais: o *baixo nível de lealdade institucional*; a *diminuição da confiança informal entre os trabalhadores* e o *enfraquecimento do conhecimento institucional*. Desprovido das mesmas condições sociais, o novo paradigma destitui a gratificação postergada como princípio de autodisciplina: “economizar para o futuro, a essência da ética protestante, é um projeto viciado pela debilidade dessas estruturas, que já não constituem mais refúgios de segurança” (Sennett, 2006/2015, p. 75).

Portanto, o livro de Sennett esmiuça através de uma escrita clara, descritiva e enriquecida com sua “empíria” extraída de inúmeras entrevistas em diversos contextos, o lugar do trabalho no *novo capitalismo*. Certamente, o autor não conta com o instrumental psicanalítico para avaliar os matizes que cada caso pode apresentar em sua singularidade. As coordenadas explicitadas colocam em relevo a ascensão do *capitalismo de consumo*, o qual, como designa Dufour (2005), é cada vez

mais libidinal, com enorme apelo à posição de consumidor dos sujeitos, inclusive daqueles pertencentes à classe operária, que passam a integrar mais fortemente o sistema consumidor. Trata-se de uma versão do capitalismo mais arredia à gestão pulsional proposta pelo capitalismo de acumulação, balizado pela perda de gozo e pelo ganho do mais-de-gozar através do exercício profissional, portanto, mais próximo estruturalmente da operação paterna. Trata-se, além disso, de uma publicação importante para os leitores interessados em investigar a função do trabalho e da sublimação na economia libidinal dos sujeitos.

Referência Bibliográfica

Dufour, D.-R. (2005). *A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Citação/Citation: Garcia de Oliveira, F. L. (nov. 2016 a abr. 2017). O novo capitalismo e seus efeitos no laço social. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 12(23), 119-122. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2019v12n23p119-122.

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 20/02/2017 / 02/20/2017.

Aceito/Accepted: 23/02/2017 / 02/23/2017.

Copyright: © 2013 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.